



Em pouco tempo Afonso Costa conquistava lugar de destaque na lista de portugueses ilustres que á Republica se tinham dado com Duarte Leite, Azeredo e Albuquerque, Paulo Falcão, Basilio Téles, Sampaio Bruno e quantos outros mais.

O Porto admirava os triunfos profissionais e politicos, verificando que ele se mantinha fiel ao seu já longo curriculum vitae, em plena e vibrante mocidade, aos 17 anos filiando-se, conjurado aos 20 no 31 de Janeiro, numa afirmação de caracter e de dignidade estudantil perdendo um ano com 17 colegas como protesto contra as violencias da policia e as degradantes decisões do governo para levar as estudantes á submissão.

Acompanhava a sua actividade na imprensa republicana e assim, quando em 1900 se manifesta a grave crise da peste bubonica, atinge o maximo a indignação da cidade perante as perpotências do governo a proposito de debelar a peste e, como protesto, aproveita as eleições para deputados para eleger a lista da cidade, composta por categorisados republicanos: Afonso Costa, Paulo Falcão e Xavier Esteves.

O governo anula as eleições mas, repetidas, maior ainda foi o triunfo daquela lista.

Tão gratas e fundas recordações Afonso Costa conservou sempre vivas que jamais deixou de sentir e manifestar o mais acendrado carinho e amor pelo Porto e sua dedicada gente.

Pelo Porto entrou no Parlamento onde se tornou o mais temido dos seus componentes, pela audacia das suas afirmações, pelo conhecimento profundo de todos os assuntos que abordava, pela coragem e desenvoltura com que apoiava as suas violentas diatribes contra a monarquia, contra os partidos politicos, contra o Rei.

Assombrada a Camara monarchica ouve os deputados republicanos pela voz de Afonso Costa-acusadora e justiceira-afirmar que ao povo não importava a Constituição e as suas reformas porque o povo quer a Republica, e expulso lança aos deputados atônitos este temendo desafio - "A ultima carta da será nossa", e foi-o dez anos depois...

A crise da monarquia, em 1906, o Rei para a salvar chama João Franco e é então em Lisboa que elege Afonso Costa conjuntamente com Antonio José de Almeida, Alexandre Braga e João de Menezes.

Que lista! Que nomes! Que Homens! Que superioridade quando comparados com os valores de hoje.

Que superioridade dos regimens de liberdade para os regimens de partido único, naquele as inteligencias alargam-se, desenvolvem-se, a discussão alenta-se, dá-lhes força e vigor, nestes o silencio, a clausura, deprime-as, inferiorisa-as, quase chega a aniquila-las.

A breve trecho apoiado pelo Rei, João Franco ou antes a monarquia entra em ditadura, João Franco e o Rei caçando ambos no mesmo terreno.

Admiravel a opposição republicana no Parlamento, a figura de Afonso Costa cada vez mais engrandece e prepondera, e em 1907 a violencia da ditadura só há que opôr a resistencia pelas armas.

Começa a organização revolucionária e Afonso Costa um dos seus principais dirigentes juntamente com João Chagas e Antonio José de Almeida.

Rápidamente o movimento avança e presos João Chagas e Antonio José de Almeida em começo de 1908, Afonso Costa passa imediatamente á clandestinidade para salvar o movimento pois a sua prisão seria o fracasso de tanto esforço já despendido.

Não esqueço nunca a casa de Arroios onde se escondeu e onde em 25 ou 26 de Janeiro fui receber as suas instruções que determinaram uma reunião imediata dos elementos militares na Loja Acácia e nesta a fixação das condições indispensaveis para a eclosão imediata da revolução.

Afonso Costa deslocou-se de Arroios para casa de Francisco Grandela na rua do Desterro e com ele os seus directos adjuntos.

Na noite de 27/28 tremendo azafama naquela casa, constantemente gente a entrar e a sair recebendo instruções, Afonso Costa, Ribeira Brava, Alvaro Poppe a todos atendem. A certa altura grave ameaça paira sobre a casa, a 20 ou 30 metros da sentinela da Guarda Municipal á porta do Hospital, a de grupos suspeitos estarem aparecendo em torno da casa, e logo Afonso manifesta a sua tempera disposto a resistir até á ultima, caso a suspeita se confirme.

Mal começa a distribuição de armamento tudo cessou pois os grupos suspeitos eram-no de cidadãos que espontaneamente vinham guardar Afonso Costa e os seus companheiros.

O movimento na tarde de 28 falhou porque exactamente nesse dia o ditador alterara os seus passos e de sua casa se mudara para casa da sogra, em lugar oposto da cidade.

Afonso Costa tentou ainda efectiva-lo na noite, mas a improvisação fez falhar a tentativa apesar da valentia e audácia dos que do elevador da biblioteca se propunham efectiva-lo e terminou pela prisão de Afonso Costa, e Alvaro Poppe.

João Franco, reagiu, o Rei não o abandonou nas suas violentas decisões, mas a decisão de mandar prender e poder deportar para Timor chefes ou dirigentes do movimento revolucionário custou, trez dias depois, a morte do Rei que assinara a respectiva Lei.

Começa o reinado desse infeliz D. Manuel, que, de repente, mel saído da adolescência se via Rei duma monarquia sem monarquicos.

Mal feito do susto, a luta de partidos, dos seus chefes torna-se cada vez mais desvergonhada, mais infamante.

José Luciano de Castro, chefe do partido Progressista que tivera a baixa manifestação de, quando da subida de Franco ao poder, diser directamente ao Rei, no acto de despedida do do ministéria a que presidira, "com o senhor Hintze Ribeiro eu ajustarei directamente as minhas contas.

Onde desçera o respeito, a educação, a cultura, a etiqueta do Paço, mas, como diziamos, José Luciano continua a ser chefe e a tudo fazer para não perder a chefia do partido Progressista.

Progressistas, regeneradores, lutavam uns contra os outros, e luta ainda maior se via dentro de cada partido, tudo esqueciam para satisfazer os seus ódios, ambições ou vaidades.

Entretanto a moral republicana alastrava por todo o país, a representação na Camara dos Deputados aumentava enormemente a despeito de todas as fraudes e de todos os crimes e de todos os morticínios, como o de 5 de Abril em Lisboa, quando o povo pretendendo guardar as urnas foi brutalmente espingardiado das janelas da Igreja de S. Domingos.

Dois dos mais considerados pares do reino, Bramcamp Freire e Augusto José da Cunha aderiram ao partido republicano português.

Na Camara dos Deputados cada vez mais acesa e violenta a acção e as questões de alta moralidade succediam-se: -Credito Predial, adiantamentos, Hinton e outras.

Afonso Costa é o acusador inatacavel e esmaga os deputados quando no termo de feroz e formidavel ataque, termina com esta vibrante objugatoria, com este monumental desafio: -POR MUITO MENOS ROLOU NO CADA FALSO A CABEÇA DE LUIZ XVI!"

Em resumo, a monarquia nova aviltava-se bem mais ainda do que se envilecera a monarquia velha.

D. Manuel inocente iria expiar os erros, os crimes, as ditaduras da Casa de Bragança, .Na mentira se vivia e o faziam viver. Tudo mentira...

No mês de Setembro de 1910 as manobras militares nos arredores do Buçaco terminaram por um almoço oferecido pela officialidade que nelas tomaram parte ou a ellas assistira , ao Rei D. Manuel.

Encantado pelo entusiasmo, pelas manifestações ruidosas que lhe fora dado presenciar, no regresso a Lisboa, ingenuamente confessou aos seus acólitos que tinha o exército por si.

Menos de um mez passado a 5 de Outubro a República era proclamada em Lisboa pelo exército, pela marinha pelo povo-soldados e marinheiros, burguezes e operarios, todas as classes sociais nele representadas, em menos de 24 horas todo o país a aclamava enquanto a autoridade não se restabelecia, o povo, a massa rude do povo, de armas na mão, guardava os Bancos, defendia a casa dos chefes monárquicos e protegia a vida de tantos que tinham agravado a Republica e os republicanos.

Perante este espectáculo curvava-se o mundo inteiro, que neste admiravel panorama via desaparecer-para todo o sempre-uma monarquia ultra secular numa Europa em que proliferavam as monarquias.

Em 5 de Outubro de 1910, Afonso Costa é o ministro da justiça do Governo Provisorio, deixou de ser o grande chefe revolucionario que foientre

uma grande maioria de valiosos nomes no professorado, na ciência, no comércio, nas forças armadas.

Ninguém o excedeu em violencia, em intelligencia, em decisão. Sofreu prisões, sofreu agravos, nada o diminuiu, nada o fez recuar.

Ia agora a manifestar-se na organização da Republica, na sua estruturação e na satisfação das imposições do seu programa de estadista, o Homem de Estado.

Rapidamente o acompanharam na sua vertiginosa ascensão em tão curta prazo de tempo realisando tão volumosa como monumental obra.

Em poucos dias a Republica sente que encontrara o seu Homem. É pela pasta da Justiça que se vão publicar as leis reguladoras da liberdade de imprensa, a lei do inquilinato, mas serão as leis de familia, e a lei da Separação, as leis estruturais que arrancarão o apoio caloroso da massa republicana e ódio que não descansará dos monárquicos esmagados, dos ultramontanos, dos clericais.

Admiraveis leis da familia, leis que protegem ao maximo a mulher, a mãe solteira com filhos, adquire o respeito e o apoio devido á mãe, acaba a afrontosa diferenciação dos filhos legitimos e filhos illegitimos, e a lei do divórcio integra e moral nos casais que o desentendimento mutuo separava em condições por vezes bem perigosas e desumanas.

Quão de lamentar é que volvidos quase sessenta anos todas essas leis tenham sido deturpadas, a pouco e pouco, lentamente, insidiosamente, e cresça por esse país fora a legião de filhos sem mãe, filhos sem pai, pais de filhos que não são seus, tudo em nome duma moral, mas tudo antagonico com a moral que inspirou as leis basilares da Republica.

Como omitir essa lei tão humana, em que Afonso Costa com a isenção dos grandes espiritos, inspirado na obra do Padre Antonio de Oliveira creou a Tutoria da Infancia e os tribunais de menores, numa legislação que suscitou o interesse e o estudo dos países extranhos por essa obra de amor e ternura, e finalmente a lei da separação com que honraram os compromissos da propaganda republicana para com a opinião publica.

Esquecidos os directores e repolentes ataques dirigidos contra os republicanos pela reacção clerical desde os tempos da propaganda, desta lei tão simples e tão justa que a Igreja restituiu a liberdade, serviu para atacar ferozmente a Republica e extravasar o mais tremendo ódio contra o seu autor, contra Afonso Costa.

E então o slogan partido das altas classes, divulgado pelos filhos de Maria, gritava-se: "Antes Afonso XIII do que Afonso Costa".

Entrada a Republica na constitucionalidade Afonso Costa é ministro das Finanças e Presidente do Ministério, de Janeiro de 1913 a Fevereiro de 1914. Mezes antes, em Novembro de 1912, em Santarem, em admiravel discurso, discurso que define o verdadeiro e autentico homem de estado, de larga visão, alertando a opinião publica com a previsão da tremenda catástrofe que se avisinhava, aviso de cataclismo imminente entre as nações mais poderosas da Europa e para o qual precisamos preparar-nos, de alma aberta para todos os sacrificios necessarios, para atuarmos em nossa defeza e conservarmos a nossa independencia.

O primeiro que temos a fazer é equilibrar, custe o que custar, as nossas finanças, como um país desacreditado que há mais de meio seculo vive em regime de deficit permanente e que a Republica encarou desde os primeiros dias como uma das mais criminosas e ruinosas heranças da monarchia.

Afonso Costa toma conta da pasta em Janeiro e quatro mezes volvidos apresenta ás Camaras o orçamento equilibrado e com um superavit que as contas da gerência virão a ultrapassar.

Tudo conseguiu Afonso Costa sem violencias, só pela força do seu prestigio, pela sua larga intelligencia servida por vontade e energia esclarecidas, pela dignificação do pessoal sob as suas ordens, com a colaboração dos seus correligionarios que nas duas Camaras, rendidos a legitimidade da sua argumentação abdicaram d'ua das suas mais fortes regalias aprovando a lei travão que lhes não permitia propostas aumentando despesas sem a contra partida de crear receitas que as compensassem.

Esta grande victoria moral e politica, a 2ª pois que a 1ª foi a da sua proclamação, conquistou definitivamente para Portugal o respeito do mundo inteiro, e, em ambas, que grandiosa parte tem Afonso Costa assinalando

para todo o sempre a victoria da Republica em terra portuguesa.

Ia-se porem, adensando o ambiente por esse mundo fóra, a suspeita, o ódio dominava na politica mundial e a jovem Republica cada vez mais se resentia da violencia dos ataques dirigidos contra ela, contra as suas figuras proeminentes e para lhes fazer face se recorre a um ministério semi-politico presidido por Bernardino Machado, Ministerio que após quatro mezes de existencia tem de enfrentar a gravissima situação creada pelo brutal atentado de Serajevo e a eclusão da chamada primeira grande guerra mundial.

Bernardino Machado, o grande e notavel politico, encarnou a opinião publica republicana e poucos dias após o inicio da guerra propõe ao Congresso da Republica, propositadamente para tal convocado, a moção onde Portugal afirmava que estava pronto para corresponder a todas as obrigações impostas pela velha aliança com a Inglaterra, moção que o Congresso aprova no meio de extraordinario entusiasmo.

Marcavamos a nossa posição prontos para tudo atravez da nossa aliança mas Afonso Costa e João Chagas eram partidarios ardentes que não tinhamos que aguardar pedidos mas sim declararmos imediatamente o estado de guerra com a Alemanha que ameaçava a nossa cultura, a nossa liberdade e os nossos territorios ultramarinos espalhados pelo munco.

Ter-se-ia evitado assim a situação dificil de estarmos em guerra com a Alemanha em Africa e com ela em paz na Europa.

As leis tão notaveis do Ministro Correia Barreto reorganisavam o exercito e davam-lhe já elasticidade para cometimentos de tão grande envergadura, e mais uma vez se assinala a notavel visão politica de Afonso Costa escolhendo para seu colaborador...

na pasta da guerra a figura austera de Pereira Bastos, a alma da organização militar da Republica e em cuja execução ele mais uma vez provaria os seus extraordinarios méritos de organisador e de competentissimo official do Estado Maior.

Esta marcha para a guerra, de cabeça erguida e coração ao alto, mais irritantes e audaciosos tornou os ataques de todos os inimigos da Republica, fez uma união maldita de todas as reacções, de todos os derrotistas, de todos os admiradores da Alemanha, t, dos juntos - os de opa, os de farda ou casaca.

Esta luta entre as forças positivas e as forças negativas do derrotismo e com um fraco presidente da Presidencia da Republica, dá lugar á ditadura de Pimenta de Castro que, logo inicia a sua acção, por encerrar o Parlamento e perseguir os republicanos, democratas, os partidarios da guerra.

O partido democratico já então denominado Partido Republicano Português, fez frente ao crime contra a Constituição e em começos de Março reúne, clandestinamente, no Pglacio da Mitra, o Congresso da Republica e este vota por aclamação uma moção de Afonso Costa declarando o Presidente Arriaga e o Governo fóra da lei.

Apesar de todas as tentativas de força e de todas as violencias cometidas por Pimenta de Castro e seus colaboradores, dois mezes após o Congresso da Mitra, o 14 de Maio restituirá a Republica aos republicanos. Movimento de cuja direcção fizeram parte Norton de Matos e Sá Cardoso.

Ativa-se novamente a preparação para a guerra que toma verdadeiro alento quando em Novembro de 1915 Afonso Costa assume a presidencia do Ministerio e em Março de 1916 a Alemanha declara-nos guerra por nos termos apoderado de todos os navios alemães immobilizados em portos portuguezes.

Afonso Costa e Antonio José de Almeida esqueceram inimidades e constituíram em Março de 1916 o Ministerio da União Sagrada, com este na Presidência, Afonso Costa nas Finanças, Norton de Matos na Guerra, vão intensificar ao maximo a preparação da guerra, o governo vive para a guerra que vamos combater no campo onde ela se decidirá, isto é, na Europa.

E de tal forma se trabalha que em Março de 1917 o exercito português ocupará o seu sector na Flandres tendo em 1916 realiado o milagre de Tancos e breve terá a honra de ter o seu Boletim de guerra publicado em todos os continentes ao lado dos comunicados de guerra d França, da Inglaterra, da Belgica, dos Estados Unidos...

Longe da metropole a quase totalidade dos officiais republicanos, todos os derrotistas, todos os que não querem combater se deram as mãos para ataiçar a Republica em guerra e sob a chefia de Sidonio Pais, ex-ministro de Portugal na Alemanha e após, em Outubro, a viagem triunfal do Presidente

Bernardino Machado ao C.E.P., á França e a Inglaterra, grave golpe dão na vida Republicana, inutilizando o brilhante futuro que se lhe estava preparando, com a revolução de Dezembro chefiada por Sidonio Pais, a deposição do Presidente da Republica e a prisão dos seus ministros.

Aproveitara-se a ausencia em Novembro de Afonso Costa que com o ministro dos Extrangeiros Augusto Soares fora expressamente a Londres para resolver graves dificuldades que tinham surgido e que só ele com a sua autoridade e prestigio podia resolver.

Dessa missão regressaram confiados e radiantes pois Portugal tinha vencido todos os obstáculos e obtido dos seus colegas inglezes a boa vontade para tudo quanto justamente pretendiam.

Não posso esquecer e bem vivas estarão para sempre no meu coração as horas altas que vivi quando numa tarde do fim de Outubro assisti á chegada a Bolonha dum poderoso destroyer que transportava de França na sua viagem a Londres o Presidente Bernardino Machado, Afonso Costa e a sua comitiva.

Como senti então o orgulho de ser português vendo as homenagens espontaneamente prestadas, sem a rigidez fria dos protocolos, nas duas companhias, uma do exercito inglez, outra do exercito francez que, com um forte acompanhamento de altas autoridades, a Portugal e ao seu Presidente prestavam a sua guarda de honra.

Não esqueço que após a recepção e o chá que lhe fôra oferecido, Afonso Costa e Augusto Soares recolheram ao seu alojamento para aquele nos receber, ao Sá Cardoso, Alvaro Poppe, Victorino Godinho, Victorino Guimarães e a mim, deputados democraticos, para lhe expormos as queixas que lavravam no C.E.P. sob o ponto de vista militar e as que, dia a dia, cresciam contra os erros praticados na Secretaria de Guerra.

No C.E.P. deficiencias graves nos comandos, no Ministerio da Guerra a ausencia do espirito republicano, O Ministro absorvido pelos grandes problemas da luta em trez frentes e estando os republicanos nas zonas de guerra, via-se obrigado a entregar logares de responsabilidade não a adversarios mas a elementos oportunistas sem fé nem carácter e alguns até ex-derrotistas.

Com que entusiasmo Afonso Costa nos narrou o successo da viagem presidencial para em seguida expormos todas as nossas amargas queixas, todas as acusações que formulamos, tudo discutiu com a sua clara inteligencia e visão não menos larga de politica.

Naquella altura estadista de guerrano cume do prestigio, era democraticamente o cidadão discutindo com outros cidadãos assuntos de maximo interesse para a Patria e para a Republica.

Quanto tinham a aprender tantos pseudo estadistas! Compriram-se porém os fados neste desgraçado país e o odio derrotista conjugado com a ambição de alguns republicanos que lhes serviam de capa, produzem o 7 de Dezembro de 1917, e Afonso Costa ao regressar a Portugal, depois de coroados todos os seus anseios para fortalecer a nossa situação militar perante os inglezes, era preso no Porto antes de chegar a Lisboa.

Terminado assim este periodo do grande estadista da guerra.

Libertado ao fim de quatro mezes de prisão, emigrado em França nova e brilhante fase da sua extraordinaria carreira politica se ia abrir e em que mais uma vez marcaria logar de excepção - a de representante de Portugal após o armistício, desde Janeiro de 1919 em todas as reuniões internacionais, para se chegar ao tratado de paz e ao funcionamento da Sociedade das Nações.

Após o derrube pela acção do povo republicano, de farda ou de blusa, desse odioso periodo do sidonismo e cujas perniciosas consequências só foram em grande parte limitadas pela acção e pela posição cimeira que Afonso Costa ocupava na politica internacional onde conquistara a amizade e o respeito de homens como Clemenceau, o Tigre, Loyd George e quantos mais...

Na conferencia de Versailles ele foi, com surpresa geral um dos grandes e com retmbante apluso de todos.

Apresentado o tratado de paz ás pequenas potências, dois ou trez dias antes da reunião da Assembleia, com a indicação de que se não admitiriam emendas, só havia de aprovar ou regeitar. A Assembleia reúne numa atmosfera pesada e sombria, porém o gelo quebrou-se quando, perante a surpresa geral a voz de Afonso Costa se ergue para vibrante e eloquentemente expôr a razão que justificava a apresentação das suas emendas ao tratado e que com o maior entusiasmo foram votadas pela Assembleia, ficando assim reconhecido o direito a Portu-

gal ser indemnizado pela Alemanha de todos os prejuizos sofridos durante a guerra, direito extensivel a todas as potencias de interesses limitados.

Depois desta assombrosa sessão, Clemenceau, o politico extraordinario que ganhou a batalha de França com o "je fait la guerre", como divisa do seu governo, aquele de quel Loyd George dizia que de cada vez que ia a Paris encontrava o seu amigo Clemenceau com um dente a mais e um ano a menos, Clemenceau, para Afonso Costa logo que este acabara o discurso, para o saudar apontando-o aos presentes "Voilà le revolutionnaire"

Presidente da Comissão de Finanças, da 4ª Comissão da Liga das Nações para a prestigiosa figura de Sir Eric Drumond, ele foi o melhor presidente dessa Comissão.

Para o homem que tão alto serviu a sua Patria em todos os campos, silenciemos os nomes dos signatários do decreto da sua exoneração, como se de um continuo se tratasse, de Delegado de Portugal na Sociedade das Nações onde ele conquistou pelo seu talento e honra extrema de Portugal, pequena Potencia, ser escolhido para presidir á Assembleia extraordinária convocada para receber o pedido de admissão da Alemanha.

Afonso Costa em todos os campos foi grande, igual a si mesmo, inimigo de truques ou habilidades, duro na luta, humano na victoria, jamais alimentando ódios contra os que tão feroz e vilmente o tinham atacado e ferido os seus sentimentos no que eles tinham de mais puro e afectivo.

Um dia virá, o nós estarmos aqui, é uma prova de que em breve chegará a geração que pela sua fé, pelo seu sofrimento—Não se progride nem vence sem sofrimento nem dor— rasgará essas paginas falsas e deturpadas que há dezenas de anos se vem infiltrando com uma pertinácia jesuitica na história da Republica de 1910 a 1926 e na história da verdade, dos factos e dos homens, estudados com a serenidade e a objectividade de mais de meio século decorrido se reconhecerá o que ela marca no ressurgimento de Portugal, o que houve de belo e grande na sua proclamação, se apontará o exemplo sucessivo dessas gerações que depois de 1870 prepararam a revolução triunfante de 1910, em friso admiravel de José Falcão, Rodrigues de Freitas, Emidio Garcia, Duarte Leite, Almirante Candido dos Reis, Bernardino Machado, Antonio José de Almeida, Brito Camacho, Antonio Luiz Gomes e tantos, tantos mais, todos grandes pelos seus talentos, pelo seu character, pela sua dignidade e civismo, acima de todos, sem desprimor pairando Afonso Costa o maior estadista de Portugal depois de Mousinho da Silveira.

Nesta carta que eu guardo como precioso documento e escrita em Paris em Junho de 1931, ha quarenta anos ele me escrevia indicando o puro pensamento que devia orientar e presidir a todos os nossos actos.

Hoje com ha quarenta anos ele nos diz "Não queremos servir nenhum partido, nenhum homem e não consentiremos que outros o façam. Queremos servir a Republica para bem da Nação e de todos os Republicanos".

GLÓRIA A AFONSO COSTA

VIVA A REPUBLICA!